

The Project Gutenberg EBook of Frei Luiz de Sousa, by Almeida Garrett

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Frei Luiz de Sousa

Author: Almeida Garrett

Release Date: January 23, 2006 [EBook #17591]

Language: Portuguese

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK FREI LUIZ DE SOUSA ***

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

[Figura: EDUARDO BRAZÃO, interprete principal de «Frei Luiz de Souza»]

ALMEIDA GARRETT

FREI LUIZ DE SOUSA

DRAMA

Representado, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro de quinta do Pinheiro em quatro de Julho de MDCCCXLIII

ESCRITORIO DE PUBLICAÇÕES DE FERREIRA DOS SANTOS

Rua de Santa Catharina, 231

PORTO

Imprensa Commercial—Rua da Conceição, 29 a 37

PESSOAS

MANUEL (FREI LUIZ) DE SOUSA DONA MAGDALENA DE VILHENA DONA MARIA DE NORONHA FREI JORGE-COUTINHO O ROMEIRO TELMO-PAES O PRIOR DE BEMFICA O IRMÃO CONVERSO MIRANDA O ARCEBISPO DE LISBOA DOROTHEA

CÔRO DE FRADES DE SAN'DOMINGOS

Clerigos do arcebispo, frades, criados, etc.

Logar da scena—Almada.

ACTO PRIMEIRO

Camera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezasette: porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sôbre o Tejo e de donde se ve toda Lisboa: entre as janellas o retratto, em corpo inteiro, de um cavalleiro môço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem.—Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de ricco panno de velludo verde franjado de prata; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretas razos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior.— É no fim da tarde.

SCENA I

MAGDALENA so, sentada junto á banca, os pés sôbre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sôbre elle, como quem descahiu da leitura na meditação.

Magdalena, *repettindo machinalmente e de vagar o que acaba de ler.*

«N'aquelle ingano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.—E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, póde-se morrer. Mas eu!... (*pausa*) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um so momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a descahir em profunda meditação: silencio breve.*)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO-PAES

Telmo, *chegando aopé de Magdalena que o não sentiu entrar.* A minha senhora está a ler?...

Magdalena, *despertando.* Ah! sois vós, Telmo... Não, ja não leio: ha pouca luz de dia ja; confundia -me a vista.—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo, *deitando-lhe os olhos.* Oh, oh! Livro para damas—e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor... quero dizer, como o senhor Manuel de Sousa-Coutinho—que lá isso!... acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras e de muito galante prática—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Ja não ha d'aquella gente.—Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua, n'uma lingua que a gente... que toda a gente não entende!... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me ditto suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou d'Inglaterra. Será?

Magdalena. Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo. Que ja lá vai, que era outro tempo.

Magdalena. Pois sim... (*suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo. Não, a senhora D. Maria ja é mais alta.

Magdalena. É verdade, tem crescido de mais, e derepente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo. Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (*áparte*) Uma senhora aquella... pobre menina!

Magdalena, *com as lagrymas nos olhos.* Es muito amigo d'ella, Telmo?

Telmo. Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração!

Magdalena. Filha da minha alma! (*pausa:—mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: ja então eras o que hoje es, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

Telmo, *internecido*. Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

Magdalena, *quasi offendida*. Porquê? não es hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possível? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito—do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

Telmo, *áparte*. Terá...

Magdalena. O amigo e camarada antigo de seu pae?

Telmo. Não, minha senhora, não, por certo.

Magdalena. Então?...

Telmo. Nada. Continuae, dizei, minha senhora.

Magdalena. Pois está bem.—Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomáste—e com muito gôsto meu e de seu pae, um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não cre, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que es tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me... eu sei... não falles com ella d'esse modo, n'essas coisas...

Telmo. O quê? No que me disse o inglez, sôbre a sagrada Escriptura que elles lá teem em sua lingua, e que?...

Magdalena. Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e muitas do seu sexo tambem, que aquella criança está sempre a querer saber, a perguntar.—É a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem ves que não é uma criança... muito... muito forte.

Telmo. É... delgadinha, é. Hade inrijar. É tê-la por aqui, fóra d'aquelles ares apestados de Lisboa; e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena. Filha do meu coração!

Telmo. E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma criança que eu não podia...—é a verdade, não a podia ver: ja sabereis porquê... mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei...—E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que—vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena, *surrindo*. Isso agora!...

Telmo. Do que vós.

Magdalena, *rindo*. Ora, meu Telmo!

Telmo. Mais, muito mais. E veremos: tenho ca uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena, *assustada*. Está bom; não entremos com os teus agouros e prophcias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo'-nos de futuros...

Telmo. Deixemos, que não são bons.

Magdalena. E de passados tambem...

Telmo. Tambem.

Magdalena. E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma compreensão...

Telmo. Comprehende tudo!

Magdalena. Mais do que convem.

Telmo. Às vezes.

Magdalena. É preciso moderá-la.

Telmo. É o que eu faço.

Magdalena. Não lhe dizer...

Telmo. Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... de melhor.

Magdalena. Melhor quê?

Telmo. De nascer em melhor estado.—Quizestes ouvi-lo... está ditto.

Magdalena. Oh Telmo! Deus te perdoe o mal que me fazes. (*Desata a chorar.*)

Telmo, *ajoelhando e beijando-lhe a mão*. Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora... castigae-me... mandae-me ja castigar, mandae-me cortar ésta lingua perra que não toma insino.—Oh senhora, senhora!... é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa-Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores n'este reino, em toda Hespanha... A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sosas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

Magdalena. Calae-vos, calae-vos, pelas dores de Jesus Christo, homem.

Telmo, *soluçando*. Minha ricca senhora!...

Magdalena, *inchuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme*. Levantae-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levânta-se*) Ouvi-me com atenção. É a primeira e será a última vez que vos fallo d'este modo e em tal assumpto.—Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalho e de glória de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; achei-vos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegastes a alcançar um poder no meu espirito, quasi maior...—decerto, maior—que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros—porêm, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais—

me fizeram ter-vos n'uma conta, deixar-vos tomar, intregar-vos eu mesma tal auctoridade n'esta casa e sôbre minha pessoa... que outros poderão estranhar...

Telmo. Emendae-o, senhora.

Magdalena. Não, Telmo, não preciso nem quero emendá-lo.—Mas agora deixae-me fallar.—Depois que fiquei so, depois d'aquella funesta jornada de Africa que me deixou viuva, orphan e sem ninguem... sem ninguem, e n'uma idade... com dezasette annos!—em vós, Telmo, em vós so, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em logar de pae: e eu... salvo n'uma coisa!—tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

Telmo. Oh minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

Magdalena. Para essa houve podêr maior que as minhas fôrças... D. João ficou n'aquella batalha com seu pae, com a flor da nossa gente. (*Signal de impaciencia em Telmo*) Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memoria, como durante sette annos, incredula a tantas provas e testemunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve... Cabedaes e valimentos, tudo se impregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redempção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar n'aquellas terras, a todos se incommendava o seguir a pista do mais leve indício que podêsse desmentir, pôr em dúvida ao menos, aquella notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcacer. Tudo foi inutil; e a ninguem mais ficou resto de dúvida...

Telmo. Senão a mim.

Magdalena. Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu...—E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício... Pois disse-me em consciencia, dissei-m'o de uma vez, claro e desinganado: a que se apêga ésta vossa credulidade de sette... e hoje mais quatorze... vinte e um annos?

Telmo, *gravemente*. Ás palavras, ás formaes palavras d'aquella carta escripta na propria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vo-la trouxe.—«Vivo ou morto»—resava ella—vivo ou morto... Não me esqueceu uma lettra d'aquellas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão:—«Vivo ou morto, Magdalena, heide ver-vos pelo menos ainda uma vez n'este mundo.»—Não era assim que dizia?

Magdalena, *aterrada*. Era.

Telmo. Vivo não veiu... inda mal!—E morto... a sua alma, a sua figura...

Magdalena, *possuida de grande terror*. Jesus, homem!

Telmo. Não vos appareceu, decerto.

Magdalena. Não: credo!

Telmo, *mysterioso*. Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho.

Magdalena. Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrazoas, e comtudo as vossas palavras mettem-me um medo... Não me façaes mais desgraçada.

Telmo. Desgraçada! Porquê? não sois feliz na companhia do homem que amaes, nos braços do homem a quem sempre quizeses mais sôbre todos?—Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

Magdalena. Não está em nós da-lo, nem quitá-lo, amigo.

Telmo. Assim é. Mas os ciumes que meu amo não teve nunca—bem sabeis que têmpera d'alma era aquella—tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por elle: não posso, não posso ver... e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o senhor Manuel de Sousa-Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom portuguez... mas—mas não é, nunca hade ser, aquelle espelho de cavallaria e gentilleza, aquella flor dos bons... Ah meu nobre amo, meu sancto amo!

Magdalena. Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligencia para muito:—eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do apprazimento geral de nossas familias, da propria familia de meu primeiro marido, que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... ha quatorze annos. Temos ésta filha, ésta querida Maria que é todo o gôsto e ância da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no ingenho, nos dotes admiraveis d'aquelle anjo... E tu, tu, meu Telmo, que es tam seu, que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

Telmo. Não, não tenho!

Magdalena. Pois tens: melhor.—E es tu que andas, continuamente e quasi por accinte, a sustentar essa chymera, a levantar esse phantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para innodoar a pureza d'aquelle innocente, para condemnar a eterna deshonra a mãe e a filha... (*Telmo dá signaes de grande agitação*) Ora dize: ja pensastes bem no mal que estás fazendo?—Eu bem sei que a ninguem n'este mundo, senão a mim, fallas em taes coisas... fallas assim como hoje temos fallado... mas as tuas palavras mysteriosas, as tuas allusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morrêsse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade!—esses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está imminente sôbre a nossa familia... não ves que estás excitando com tudo isso a curiosidade d'aquelle criança, aguçando-lhe o espirito—ja tam perspicaz!—a imaginar, a descobrir... quem sabe se a acreditar n'essa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não cres devéras? Não cres, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, ve: se um terror semelhante chega a entrar n'aquelle alma, quem lh'o hade tirar nunca mais?... O que hade ser d'ella e de nós?—Não a perdes, não a mattas... não me mattas a minha filha?

Telmo, *em grande agitação durante a falla precedente, fica pensativo e aterrado: falla depois como para si.* É verdade que sim! A morte era certa.—E não hade morrer: não, não, não, tres vezes não. (*Para Magdalena*) Á fe de escudeiro honrado, senhora D. Magdalena, a minha bôcca não se abre mais; e o meu espirito hade... hade fechar-se tambem... (*Á parte*) Não é possivel, mas eu heide salvar o meu anjo do ceu! (*Alto para Magdalena*) Está ditto, minha senhora.

Magdalena. Ora Deus t'o pague,—Hoje é o último dia de nossa vida que se falla em tal.

Telmo. O último.

Magdalena. Ora pois, ide, ide ver o que ella faz: (*levantando-se*) que não esteja a ler ainda, a estudar sempre. (*Telmo vae a sahir*) E olhae: chegae-me depois alli a San'Paulo, ou mandae, se não podeis...

Telmo. Ao convento dos Dominicanos? Pois não posso!... quatro passadas.

Magdalena. E dizei a meu cunhado, a Frei Jorge-Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometteu de vir antes de véspera, e não veio; que é quasi noite, e que ja não estou contente com a tardança. (*Chega á varanda, e olha para o rio*) O ar está sereno, o mar tam quieto, e a tarde tam linda!... quasi que não ha vento, é uma viração que affaga... Oh e quantas faluas navegando tam garridas por esse Tejo! Talvez n'alguma d'ellas—n'aquella tam bonita—venha Manuel de Sousa.—Mas n'este tempo não ha que fiar no Tejo, d'um instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas!—Que elle é tam bom mareante... Ora, um cavalleiro de Malta! (*olha para o retratto com amor*) Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda ha peste, ainda não estão limpos os ares... E ess'outros ares que por ahi correm d'estas alterações públicas, d'estas malquerenças entre castelhanos e portuguezes! Aquelle character inflexivel de Manuel de Sousa traz-me n'um susto contínuo.—Vai, vai a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assocegue, se poder.

SCENA III

MAGDALENA, TELMO, MARIA

Maria, *entrando com umas flores na mão, incôntra-se com Telmo, e o faz tornar para a scena.* Bonito! Eu ha mais de meia hora no eirado passeando—e sentada a olhar para o rio a ver as faluas e os bergantins que andam para baixo e para cima—e ja abhorrecida de esperar... e o senhor Telmo, aqui pôsto a conversar com minha mãe, sem se importar de mim!—Que é do romance que me promettestes? não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente,
Os dois valorosos campos;

é o outro, é o da ilha incoberta onde está elrei D. Sebastião, que não morreu e que hade vir um dia de névoa muito cerrada... Que elle não morreu; não é assim, minha mãe?

Magdalena. Minha querida filha, tu dizes coisas? Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquillo foi? O povo coitado imagina essas chymeras para se consolar na desgraça.

Maria. Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom velho Telmo, (*chêga-se toda para elle, acarinhando-o*) ninguem n'esta casa gosta de ouvir fallar em que escapásse o nosso bravo rei, o nosso sancto rei D. Sebastião.—Meu pae, que é tam bom portuguez, que não póde soffrer estes castelhanos, e que até ás vezes dizem que é demais o que elle faz e o que elle falla... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguem tal hade dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha affrontar, se voltásse, o pobre do rei.—Ó minha mãe, pois elle não é por D. Philippe; não é, não?

Magdalena. Minha querida Maria, que tu hasde estar sempre a imaginar n'essas coisas que são tam pouco para a tua idade! Isso é o que nos afflige, a teu pae e a mim; queria-te ver mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

Maria. Então, minha mãe, então!—Veem, veem?... tambem minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é peor, que se afflige, chora... ella ahi está a chorar... ella ahi está a chorar... (*vai-se abraçar com a mãe que chora*) Minha querida mãe, ora pois então!—Vai-te embora, Telmo, vai-te: não quero mais fallar, nem ouvir fallar de tal batalha, nem de taes histórias, nem de coisa nenhuma d'essas.—Minha querida mãe!

Telmo. E é assim: não se falla mais n'isso. E eu vou-me embora. (*Á parte, indo-se depois de lhe tomar as mãos*) Que febre que ella tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquellas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!

SCENA IV

MAGDALENA, MARIA

Maria. Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho?—A mãe ja não chora, não? ja se não infada commigo?

Magdalena. Não me infado comtigo nunca, filha; e nunca me affliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

Maria. Pois ahi está a minha tristeza: é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada; e tenho saude, olhae que tenho muita saude.

Magdalena. Tens, filha... se Deus quizer, hasde ter; e hasde viver muitos annos para consolação e amparo de teus paes que tanto te querem.

Maria. Pois olhae: passo noites inteiras em claro a lidar n'isto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu pae... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto,—e a pensar em tudo, a ver se descubro o que isto é—o porque tendo-me tanto amor... que, oh isso nunca houve decerto filha querida como eu!...

Magdalena. Não, Maria.

Maria. Pois sim; tendo-me tanto amor, que nunca houve outro equal, estaes sempre n'um sobresalto commigo?...

Magdalena. Pois se te estremecêmos?

Maria. Não é isso, não é isso: é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio! ... e nas estrêllas do ceu tambem—e sei coisas...

Magdalena. Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juizo, temente a Deus... não te quero ouvir fallar assim.—Ora vamos: anda ca, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flores. Que flores tens tu agora? O que são éstas? (*pegando nas que ella traz na mão*)

Maria, *abrindo a mão e deixando-as cair no regaço da mãe*. Murchou tudo... tudo estragado da calma... Éstas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as metter debaixo do meu cabeçal ésta noite; quero-a dormir de um somno, não quero sonhar, que me faz ver coisas... lindas ás vezes, mas tam extraordinarias e confusas...

Magdalena. Sonhar, sonhas tu acordada, filha! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar: e Deus pôs-nos n'este mundo para velar e trabalhar—com o pensamento sempre n'elle sim, mas sem nos extranharmos a éstas coisas da vida que nos cercam, a éstas necessidades que nos impõe o estado, a condição em que nascêmos. Ves tu, Maria: tu es a nossa unica filha, todas as esperanças de teu pae são em ti...

Maria. E não lh'as posso realizar, bem sei.—Mas que heide eu fazer? eu estudo, leio...

Magdalena. Les demais, câncas-te, não te distraes como as outras donzellas da tua idade, não es...

Maria. O que eu sou... só eu o sei, minha mãe... E não sei, não: não sei nada, senão que o que devia ser não sou...—Oh! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente mancebo, capaz de commandar os terços de meu pae, de pegar n'uma lança d'aquellas com que os nossos avós corriam a India, levando adeante de si Turcos e Gentios! um bello moço que fosse o retratto proprio d'aquelle gentil cavalleiro de Malta que alli está. (*Apontando para o retratto*) Como elle era bonito meu pae! Como lhe ficava bem o preto!... e aquella cruz tam alva em cima! Paraque deixou elle o hábito, minha mãe, porque não ficou n'aquella sancta religião, a vogar em suas nobres galeras, por esses máres, e a affugentar os infieis deante da bandeira da Cruz?

Magdalena. Oh filha, filha!... (*Mortificada*) porque não foi vontade de Deus: tinha de ser d'outro modo.—Tomára eu agora que elle chegásse de Lisboa! Comeffeito é muito tardar... valha-me Deus!

SCENA V

JORGE, MAGDALENA, MARIA

Jorge. Ora seja Deus n'esta casa!

(Maria beija-lhe o escapulario e depois a mão; Magdalena somente o escapulario.)

Magdalena. Sejaes bem vindo, meu irmão!

Maria. Boas tardes, tio Jorge!

Jorge. Minha senhora mana!—A bençam de Deus te cubra, filha!—Tambem estou desassocegado como vós, mana Magdalena: mas não vos afflijaes, espero que não hade ser nada.—É certo que tive umas notícias de Lisboa...

Magdalena, *assustada*. Pois que é, que foi?

Jorge. Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejaes prevenida, por isso vo-lo digo. Os governadores querem sair da cidade... é um capricho verdadeiro... Depois de aturarem mettidos alli dentro toda a fôrça da peste, agora que ella está, se póde dizer, acabada, que são rarissimos os casos, é que por fôrça querem mudar de ares.

Magdalena. Pois coitados!...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

